

Contradições Aparentes, Coerência Profunda

(Continuação da última página)

Tribunal, pessoa por ele nomeada. Ilegítimo por ilegítimo, fique-se com o que aí está.

Esquece ele, porém, que, dos três poderes constitucionais, um desapareceu inteiramente; outro nasceu de uma usurpação, que nunca teve a prometida sanção do plebiscito; e somente o terceiro, o judiciário, aí permanece com a sua primitiva estrutura e no exercício das suas funções tutelares, apesar dos golpes contra ele desfechados pela Ditadura. É ele a única coisa que está de pé, a única base legal para a reconstrução. Se nomeado pelo Ditador foi o presidente do Supremo Tribunal Federal, não menos certo é que ao seu presidente, como tal reconhecido pelo corpo de magistrados, cabe na atual conjuntura o exercício do governo, segundo a Constituição de 1934. O único poder legítimo, nesta total subversão de sete anos, é ainda este.

E não é só. Não se trata unicamente de legalidade e legitimidade, senão também de confiança. A Nação, que mal começa a recobrar os seus movimentos, precisa sentir-se a coberto de surpresas. Requer, agora mais do que nunca, um governo que, em vez de ameaçar os seus direitos soberanos, os garanta plenamente. Poder-lhe-á dar tal garantia o homem que, levado há quinze anos ao poder pela força das armas, outra coisa não tem feito senão conservá-lo e fortalecê-lo e somente na aparência renunciou, há pouco, a sua candidatura?

Evidente é que não. Ainda quando, do ponto de vista legal, todos os governos possíveis no momento se equiparassem na mesma ilegalidade, um haveria, pelo menos, absolutamente incapaz de inspirar confiança à Nação: o do político que constantemente a enganou. Mas, estas subtilidades de ordem moral não parecem impressionar ou, sequer, interessar o sr. Luiz Carlos Prestes. O que o interessa é a intangibilidade do Ditador.

Reconhece ele, com efeito, como coisa fatal e inevitável, que o candidato oficial levará de vencida o candidato popular, pelo simples fato de ter do seu lado a poderosa máquina estatal. Apesar disto; senão por isto mesmo, condena todas as sugestões tendentes a corrigir a máquina e dar-nos eleições escorreitas. E, dando por realizada a previsão, condena de antemão toda reação contra a fraude e o esbulho que porventura se tente, porque tal coisa porá em perigo a conversão que, com o sr. Getúlio Vargas em pessoa, se está fazendo para a Democracia!

Nenhuma diferença consegue ver o chefe esquerdista entre as duas candidaturas até agora lançadas. Uma teve origem exclusivamente popular, foi levantada contra a Ditadura, que pretendia perpetuar-se mediante o Ato Adicional, e contra o Ditador, que já se candidatara, e trouxe desde logo um benefício indiscutível, abalando a Ditadura e fazendo recuar o Ditador. A outra tem cunho nitidamente oficial, foi lançada por agentes do Governo como manobra diversória, com o evidente intuito de perturbar a marcha da candidatura democrática e estabelecer a confusão propícia a um novo golpe ditatorial. Entretanto, o sr. Luiz Carlos Prestes, talvez com a vista ofuscada pela luz da liberdade, equipara-as ambas, confunde-as como a criaturas gêmeas, geradas do mesmo ovo. Não há que escolher, diz ele, entre uma e outra. Como explicar semelhante obnubilação, senão porque alhures, em outro nome, ou em outra solução está concentrado todo o interesse do antigo "Cavaleiro da Esperança"?

Contradições e incoerências, contradições com o passado, incoerências nas afirmações presentes, constituem a trama das recentes declarações feitas à imprensa pelo chefe esquerdista. Mas, a quem bem atentar no fundo das coisas, estas contradições aparentes se resolverão numa coerência perfeita. Surpreendido o pensamento inspirador, tudo se esclarece.

Os srs. Getúlio Vargas e Luiz Carlos Prestes entenderam-se. Não é um entendimento sem reservas, mas é um entendimento.

De parte do primeiro, simples é o jogo, e já conhecido. É o golpe. Em 1937, desfechou-o ele com a extrema direita. Em 1945, pretende ele desfechá-lo com a extrema esquerda. Simples é o jogo, mas não se pode repetir impunemente. Golpe conhecido é golpe perdido. A esquerda não pretende, por certo, representar agora o ridículo papel que a direita representou faz alguns anos.

De parte do sr. Luiz Carlos Prestes, a coisa não deixa também de ser clara. A democracia, a boa e verdadeira democracia não interessa ao comunismo. Nação realmente democrática e progressista é presa quase inteiramente perdida para ele. E não estando ele agora em condições de assumir o poder em nosso País, muito mais lhe convém o sr. Getúlio Vargas e o seu regime, do que a renovação democrática que se está processando.

Ou isto é claro, lógico e coerente, ou ninguém conseguirá entender o sr. Luiz Carlos Prestes.